

Tribunal

Luis Santana

Espanto e riso quando Zig chegou para depor. Orgulhoso como sempre fora, dispensou o auxílio da enfermeira e caminhou apenas apoiado em sua “Frida” – a bengala de marfim que o conduzira, já desde os tempos das esquinas da zona leste – até a cadeira destinada às testemunhas.

Causa ganha!

Foi esta a primeira idéia do advogado de defesa, que deixou transparecer um indelével ar de felicidade por julgar o quão irrelevante seria o seu testemunho.

O titular da acusação não carrega consigo a condenação como favas contadas. A muito que se esforçava para continuar acreditando na justiça, mas completamente desiludira-se com os homens das leis após tantas sentenças esdrúxulas, pareceres tendenciosos e a odiosa prática da procrastinação; cada vez mais constantes. Embora jamais abrisse mão de debater até a derradeira batida do martelo.

O ilustríssimo juiz parecia ter pressa e, de alguma forma aparentava não estar ali. O corpo que se via sob aquela toga transparecia estar abandonado de qualquer senso de dever.

Expressões de ar enfadonho ou incontáveis olhadas no mostrador do relógio que se encontrava instalado sobre as cadeiras da platéia lembravam um guri desinteressado que, por obrigação, vai à aula de catecismo e passa o tempo a contar minuto a minuto à espera pelo fim da aula e pela restituição do seu direito de poder pecar.

E toda aquela monotonia e encenação foi quebrada pela presença e atitude do mendigo.

- Um júri dividido, porque é isso que de um júri se espera. Já que júri unânime beira a formação de quadrilha. Disse um Zig zombador - que poucos ali imaginavam que pudesse

existir - e que trouxe à encarnação o meritíssimo ao indagar contra todos os presentes:

- O que mais precisaria um juiz ter além de seus títulos, honradez, nome e sobrenome; se não, tão e simplesmente, juízo?

Ao advogado de defesa – invertendo a mecânica de que a uma testemunha só cabe responder – coube a seguinte indagação:

- Onde compras seus travesseiros, também podem lá comprar as vítimas ou os parentes delas, as testemunhas, e a opinião genuinamente pública; ou só aos bacharéis é outorgado o direito de dormir, independente de que existam omissões, má fé, calúnias, imperícias, fraudes, corrupção, vandalismos, lenocínios, latrocínios, estupros, tráfico e tragédias?

De olhar arregalado sobre a armação grossa dos óculos, ficou o promotor público, que não pode ficar imune à lâmina filosófica de Zig.

- Me permiti vir aqui por acreditar em mim mesmo, e não nos seus conceitos de justiça. Não vim fazer justiça e acredito que o senhor também não a faça, embora saiba que é dela que sobrevives.

- Hoje estou a permitir que me uses como um instrumento do seu sustento, mas espero que ao colher seus outros futuros frutos, dê a devida importância para as suas raízes.

O réu foi contido pelos agentes e levado embora sob os gritos de “assassino”, “assassino” e Zig não se sentiu o herói - como se supunha entre a platéia que acompanhara o que ele descreveu como um espetáculo da lei – fazendo questão de declarar à imprensa que se acotovelara na porta da comarca:

- Vi mortos na guerra e mortes que não eram crimes, porque crime é forjar e fomentar guerras.

- Vejo mortes nos jornais e todo mundo também as vê nas TVs e toda uma indústria que dessas mortes se alimenta. Mas por essas não sei a quem chamar de criminoso porque tanta gente envolvida há.

- Vi morte por um gole de pinga ou por um pão duro mal repartido, mas nunca soube a quem na verdade poderia eu acusar, se ao Ministro da Habitação, da Educação, da Saúde ou da Economia.

- Mas vi alguém morrer, apenas por ter nas vestes cores diferentes. E quem, esse sim pude identificar como criminoso, foi por essa morte responsável não era um simples ser daltônico e sim um homem intolerante.

- Assino o que digo como Ziguefredo, que faz tempo nasceu sem nome, deu seu suor em combate onde também poderia ter dado a vida, vida que a duras penas foi vivida, mas que faz questão de morrer na paz dos decentes.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/tribunal-2>